



FACULDADE DE EDUCAÇÃO E MEIO AMBIENTE

LAÍS REGINA DE SOUZA NEVES

**FATORES QUE INFLUENCIAM A MANUTENÇÃO DO RELACIONAMENTO ABUSIVO: A
TERAPIA DE ESQUEMAS COMO UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO**

ARIQUEMES – RO

2020

LAÍS REGINA DE SOUZA NEVES

**FATORES QUE INFLUENCIAM A MANUTENÇÃO DO RELACIONAMENTO
ABUSIVO: A TERAPIA DE ESQUEMAS COMO UMA PROPOSTA DE
INTERVENÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Graduação em Psicologia da Faculdade de Educação e Meio Ambiente – FAEMA, como requisito parcial requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Orientadora: Prof.^a Ma. Yesica Nunez Pumariega

ARIQUEMES - RO

2020

FICHA CATALOGRÁFICA
Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca Júlio Bordignon - FAEMA

N518f

NEVES, Laís Regina de Souza.

Fatores que influenciam a manutenção do relacionamento abusivo: a Terapia de Esquemas como uma proposta de intervenção. / por Laís Regina de Souza Neves. Ariquemes: FAEMA, 2020.

31 p.

TCC (Graduação) - Bacharelado em Psicologia - Faculdade de Educação e Meio Ambiente - FAEMA.

Orientador (a): Profa. Ma. Yesica Nunez Pumariega.

1. Relacionamento abusivo. 2. Terapia de Esquemas. 3. Violência contra a mulher. 4. Violência conjugal. 5. Relacionamento disfuncional. I Pumariega, Yesica Nunez. II. Título. III. FAEMA.

CDD:150

Bibliotecária Responsável
Herta Maria de Açucena do N. Soeiro
CRB 1114/11

LAÍS REGINA DE SOUZA NEVES

**FATORES QUE INFLUENCIAM A MANUTENÇÃO DO RELACIONAMENTO
ABUSIVO: A TERAPIA DE ESQUEMAS COMO UMA PROPOSTA DE
INTERVENÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Graduação em Psicologia da Faculdade de Educação e Meio Ambiente – FAEMA, como requisito parcial requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof^ª. Orientadora: Ma. Yesica Nunez Pumariega
Faculdade de Educação e Meio Ambiente – FAEMA.

Prof^ª. Esp. Katiuscia Carvalho de Santana
Faculdade de Educação e Meio Ambiente – FAEMA.

Prof^ª. Esp. Sara Ferreira Silva
Faculdade de Educação e Meio Ambiente – FAEMA.

Ariquemes, 30 de Outubro de 2020.

Dedico Àquele que me sustentou,
cuidou e deu sabedoria e em sua
infinita misericórdia me
proporcionou alcançar essa
realização.

AGRADECIMENTOS

Minha gratidão nesse momento volta-se primeiramente a Deus, pois ele me deu graça, sabedoria e força para que eu pudesse concluir essa etapa fundamental e importante na minha vida.

A minha guerreira mãe, Maria Neuza, que me incentivou e abriu mão de muitas coisas para que eu pudesse estar aqui nesse momento. Ao meu pai, José Vilson, que mesmo de longe me incentivou e deu apoio em todos os momentos. Aos meus familiares que direta ou indiretamente torceram e se alegraram comigo, principalmente a minha tia Nilcéia Rodrigues, pela sua contribuição profissional e pessoal.

Ao meu noivo querido, Thiago Vieira, que esteve ao meu lado em todos os momentos, que me incentivou, não me deixou desistir e acompanhou de perto todo o processo de construção deste trabalho e pela sua persistência.

A minha querida orientadora Ma. Yesica Nunez Pumariega que abraçou o desafio de me orientar, a sua dedicação, sua orientação, suas palavras de incentivo e principalmente pela paciência que teve comigo em todos os momentos.

As minhas queridas amigas, Thalita Cristina, Naiandra Rodrigues e Lorryne Stopazzoli, incentivadoras estimadas, Dara Beatriz que me deu dicas valiosas e prestou seus conhecimentos me ajudando e Ana Clara Anacleto, que mesmo distante fisicamente me apoiava e incentivava.

Não poderia esquecer da Ma. Fabiula de Amorim Nunes que me acolheu quando eu precisei, deu sugestões valiosas e apesar de tudo, carrega toda a minha consideração e carinho.

A todos que me apoiaram, incentivaram e estiveram comigo nessa vitória, a minha gratidão.

EPÍGRAFE

Maria, Maria
É um dom, uma certa magia
Uma força que nos alerta
Uma mulher que merece viver e amar
Como outra qualquer do planeta

Maria, Maria
É o som, é a cor, é o suor
É a dose mais forte e lenta
De uma gente que ri quando deve chorar
E não vive, apenas aguenta

Mas é preciso ter força
É preciso ter raça
É preciso ter gana sempre
Quem traz no corpo a marca
Maria, Maria
Mistura a dor e a alegria

Mas é preciso ter manha
É preciso ter graça
É preciso ter sonho sempre
Quem traz na pele essa marca
Possui a estranha mania
De ter fé na vida

Milton Nascimento

RESUMO

O relacionamento abusivo é permeado por diversos fatores que o mantêm e influenciam diretamente no cotidiano das vítimas e nas relações que estas possuem. Diante disso, o presente trabalho retrata o conceito e a origem do relacionamento abusivo, apresentando sua dinâmica e fases, tornando mais clara a sua identificação, suas consequências para as vítimas e sua possível origem, assim como intervenção psicoterápica à luz da Terapia de Esquemas. Objetiva-se com esta pesquisa fazer uma descrição de fatores que envolvam um relacionamento abusivo, buscando uma visão mais atualizada desse fenômeno, sobre as premissas de uma abordagem cognitiva, que através de sua contextualização de esquemas, dá-nos uma noção importante de enraizamento de comportamentos abusivos e de suas consequências, principalmente no caráter psicológico. O método de levantamento se configura em uma pesquisa bibliográfica, de caráter narrativa, na qual escolheu-se artigos e livros de bancos de dados, tais como Scientific Electronic Library Online (SciELO) e o Periódico Eletrônico de Psicologia (PEPSIC). Por meio do estudo, tornou-se possível a compreensão da configuração e dinâmica de um relacionamento abusivo, a noção no aumento constante de casos de violência contra a mulher e o quanto as vítimas são afetadas por essa prática, e os estigmas sociais que as acompanham e muitas vezes impossibilitam uma reinserção moderada na sociedade de forma individual e subjetiva. Reitera-se por fim, os efeitos prejudiciais do relacionamento abusivo, muitas vezes a sua banalização e romantização, bem como a contribuição da teoria de Jeffrey Young.

Palavras-chaves: relacionamento abusivo, terapia de esquemas, violência contra mulheres.

ABSTRACT

The abusive relationship is allowed by several factors that maintain and directly influence the daily lives of the victims and the relationships they have. Given this, the present work portrays the concept and the origin of the abusive relationship, shows its abilities and phases, shows more clearly its identification, the consequences for the threats and its possible origin, as psychotherapeutic treatment in the light of Scheme Therapy. The objective of this research is to make a description of the factors that involve an abusive relationship, to seek a more important view of this genre, on the premises of a cognitive approach, to use its contextualization of schemes, to give us an important importance of rooting acts abusive and its consequences, mainly without psychological character. The survey method is configured in a bibliographic research, of a narrative character, which uses articles and books from databases, such as the Online Electronic Scientific Library (SciELO) and the Electronic Psychology Periodical (PEPSIC). Through the study, it became possible to understand the configuration and abusive behavior, with a constant perception of cases of violence against women and with how much the injuries are affected by this practice, and the social stigmas that accompany it and many sometimes make moderate reintegration into society impossible and reduced. Finally, the harmful effects of the abusive relationship are reiterated, often its trivialization and romanticization, as well as the contribution of Jeffrey Young's theory.

Keywords: abusive relationship, schema therapy, violence against women.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
2. OBJETIVOS	13
2.1 OBJETIVO PRIMÁRIO.....	13
2.2. OBJETIVOS SECUNDÁRIOS.....	13
3. METODOLOGIA	14
4. REVISÃO DE LITERATURA	16
4. 1. ORIGEM E CARACTERÍSTICAS DO RELACIONAMENTO ABUSIVO.....	16
4.2. ELUCIDANDO O PERFIL DA VÍTIMA E DO AGRESSOR E OS FATORES QUE CLARIFICAM A PERMANÊNCIA DAS VÍTIMAS NO RELACIONAMENTO ABUSIVO.....	18
4.2.1. Fatores que clarificam a permanencia das vítimas no relacionamento	19
4.3. CONSEQUÊNCIAS PARA VÍTIMAS DE RELACIONAMENTO ABUSIVO E A TERAPIA DE ESQUEMAS COMO MÉTODO DE INTERVENÇÃO.....	21
4.3.1 A terapia de esquemas como método de intervenção para vítimas de relacionamentos abusivos	22
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	26
REFERÊNCIAS	28
ANEXOS	31

INTRODUÇÃO

Atualmente, observa-se a crescente discussão acerca do relacionamento abusivo e da violência contra a mulher, o que se configura em consideráveis vitórias no campo de lutas contra esse fenômeno que vem dizimando psíquica e, até mesmo fisicamente, muitas mulheres todos os dias ao redor do mundo.

Entretanto, os fatores que permeiam os relacionamentos com dinâmica abusiva ainda se configuram em dúvidas. Muito se sabe sobre os tipos de violências, os ciclos e fases pelo qual o relacionamento abusivo perpassa, os primeiros sinais para que a vítima adote uma posição de alerta, porém, compreende-se que este é um fenômeno que vai além dos expostos.

Como relacionamento abusivo, compreende-se uma dinâmica de excesso de controle de um dos parceiros sobre o outro, justificado pelo discurso e pensamento de cuidado, onde a vítima torna-se refém de vigilâncias exarcebadas (SOUZA, 2018). Dessa forma, os autores de um relacionamento tido como abusivo estão sempre em dois polos, vítima e agressor/ controlador e refém.

Reitera-se entretanto, que não há somente o caráter físico no relacionamento abusivo, apesar da dominância de força de um sobre o outro ser característico. A violência pode mudar de forma, transvestindo-se em patrimonial, psicológica, sexual e moral, tendo todas elas, consequências e afetos significativos para as vítimas (NASCIMENTO, SOUZA, 2018).

A Terapia de Esquemas desenvolvida por Jeffrey Young em 1990, postula a importância do núcleo familiar, tido na teoria como interações primárias fundamental no desenvolvimento da personalidade, dessa forma, influencia diretamente em escolhas da vida adulta, inclusive no que diz respeito as escolhas de parceiros ou a dinâmica de se relacionar (YOUNG, 1990; YOUNG, KLOSKO, WEISHAAR, 2008). A Terapia de Esquemas postula o desenvolvimento de Esquemas Iniciais Desadaptativos (EIDS) que desenvolvem-se na infância e influenciam as escolhas e relações subjetivas de cada indivíduo.

Os Esquemas Iniciais Desadaptativos (EIDs), que podem ser compreendidos como padrões mentais e emocionais, influenciam diretamente na personalidade e originam-se na infância, participando por toda a vida do indivíduo, dessa forma, as relações na infância que possuem dinâmicas abusivas, são introjetadas na criança e tidas como uma forma normal de relação que ela levará para suas relações tanto no

papel de vítima, quanto de agressor (YOUNG, 1990; PAIM, FALCKE, 2016).

Diante do apresentado, busca-se elucidar e analisar a dinâmica do relacionamento abusivo, bem como suas características e fatores, e a contribuição da Terapia de Esquemas, não somente para intervenção, mas para o entendimento da constituição de uma personalidade abusiva ou permissiva, de vítima ou abusador, ampliando os entendimentos sobre este assunto.

2.OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO PRIMÁRIO

Descrever os fatores que permeiam o relacionamento abusivo na contemporaneidade.

2.2. OBJETIVOS SECUNDÁRIOS

- Conceituar a dinâmica do relacionamento abusivo bem como as características dos agentes dessa relação, vítima e agressor.
- Descrever as principais consequências psicoemocionais sofridas pelas vítimas desse tipo de dinâmica disfuncional de relacionamento.
- Apresentar como proposta de intervenção e tratamento psicoterápico a Terapia de Esquemas.

3. METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa aprofundada em arquivos científicos que trouxeram informações relevantes para a resolução de uma questão proposta. Este apresenta alto grau de complexidade, exige organização e disciplina daquele que o executa, a final, o mesmo precisará lidar com uma gama de informações desagrupadas que posteriormente deverão ser reunidas de forma que respondam à questão proposta de maneira satisfatória, Pizzani et.al., (2012) reforçam a ideia de que a revisão bibliográfica tende a ser árdua de ser realizada e demanda dedicação do realizador.

É importante ressaltar que nesta revisão bibliográfica, podem ser levantadas questões que divergem das expostas pelos autores pesquisados, fazendo com que além de uma reunião de informações, o resultado final da revisão bibliográfica torne-se algo único, apresentado suas peculiaridades e contribuições para a comunidade científica, isto é extremamente aceitável desde que as informações inseridas sejam devidamente justificadas.

A revisão bibliográfica de forma narrativa apresenta como característica a reunião de informações gerais sobre um tema nos mais diversos meios provedores de informações, o principal objetivo, é trazer características qualitativas do assunto abordado sob a perspectiva pessoal do escritor alimentado por todas as informações absorvidas na pesquisa. Segundo Rother (2007) este tipo de revisão é adequada para a discussão de forma teórica de alguma assunto específico, aqui o relacionamento abusivo, em especial os fatores envolvidos neste.

Para esta pesquisa, escolheu-se artigos e livros de plataformas de pesquisa, tais como Scientific Electronic Library Online (SciELO), Periódico Eletrônico de Psicologia (PEPSIC), Repositório Institucional da Faculdade de Educação e Meio Ambiente (FAEMA), Repositório Institucional da Kroton e Google Acadêmico.

Foram incluídos nessa pesquisa os materiais que apresentavam temáticas como: relacionamento abusivo, Terapia de Esquemas, violência doméstica e violência conjugal. O período de pesquisa dos materiais ocorreu entre março e agosto de 2020, sendo selecionados trinta e dois materiais, dentre eles livros e artigos científicos e dissertações em sua maioria em Língua Portuguesa, havendo cinco materiais em Língua Inglesa, inclusos em um período de publicação que abarca de 1976 a 2019. Buscou-se usar materiais atualizados dentro de um prazo de dez anos, todavia foi necessário utilizar materiais mais antigos pela completude e

originalidade que estes apresentam, buscando sempre o autor principal, como é o caso da Terapia Cognitiva de Aaron Beck.

4. REVISÃO DE LITERATURA

4. 1. ORIGEM E CARACTERÍSTICAS DO RELACIONAMENTO ABUSIVO

Considera-se como uma relação abusiva aquela na qual há uma dinâmica de excesso de controle ou de tentativa de um dos parceiros sobre o outro, fazendo com que o parceiro controlado assuma um papel de refém de uma constante vigilância que é fundamentada por um pensamento disfuncional de cuidado (SOUZA, 2018).

Como violência conjugal consideremos a existência de uma relação íntima e pessoal, na qual a ligação se dê por motivos emocionais e/ou físicos, onde ambas as partes conhecem e participam da vida um do outro e há a inserção da violência nessa dinâmica de relacionamento (PINTO, 2018).

Uma relação afetiva é aquela na qual dois indivíduos permanecem unidos, independentemente de orientação sexual, em decorrência do desenvolvimento de vínculos que podem ser afetivos e/ou sexuais. Como sustentação que se tem através da percepção cultural, o amor é o que faz a manutenção dos relacionamentos afetivos (SOUZA, 2018).

Faz-se alusão ao relacionamento abusivo como aquele onde prevalece uma dinâmica de violência física, porém, ele pode assumir outras formas de violência como a psicológica, patrimonial, sexual e moral, que afetam de igual forma a integridade da vítima, seja mental e/ou física, podendo tornar-se irremediável, pois alguns desses relacionamentos perduram por muito tempo (NASCIMENTO, SOUZA, 2018).

O relacionamento abusivo inicia-se de forma compassada e quieta, alterna entre momento de violência e comportamento gentil pautados sobre pedidos de desculpas e promessas de mudança. O ciclo da violência é dividido em quatro fases que representam tensão e ansiedade para as vítimas (LUCENA, et. al. 2016; NASCIMENTO, SOUZA, 2018).

Denomina-se a primeira fase como o aumento da tensão, na qual esta é elevada por incidentes que ocorrem no relacionamento onde não se percebe claramente a agressão, ocorrendo entretanto, agressões verbais. A vítima, apesar de utilizar comportamentos afáveis para tranquiliza-lo, segue negando a raiva

sentido quanto a violência, buscando justificativas para tal e nutrindo as esperanças de melhora e de que pode manter o controle sobre as situações de violência (PINTO, 2018; NASCIMENTO, SOUZA, 2018; OLIVEIRA, 2011).

A segunda fase se constitui na violência física, onde o agressor intimida a vítima com gritos, ameaças, podendo ainda quebrar objetos. Tais agressões aumentam gradualmente evoluindo de empurrões e tapas até a utilização de objetos para agressão. Neste episódio, a vítima toma uma posição de aceitação frente a violência, sem o uso até mesmo do questionamento ao parceiro, como forma de resposta (NASCIMENTO, SOUZA, 2018; OLIVEIRA, 2011).

A próxima fase constitui-se uma divergência possível de observação entre a leitura de algumas literaturas. Enquanto alguns autores consideram a existência de quatro fases, outros compreendem somente três pelo fato de unirem as duas últimas fases em uma única, que seria o arrependimento e a busca de justificativa e posteriormente a lua de mel. Entretanto, considerar-se-á neste trabalho quatro fases que tornarão a compreensão dos ciclos do relacionamento abusivo mais didática.

A próxima fase se constitui no arrependimento, nas desculpas, na qual o agressor se mostrará arrependido à vítima e buscará justificativas para suas atitudes, buscando retirá-las de sua responsabilidade, onde normalmente lançará sobre a vítima, e fará promessas de mudanças (NASCIMENTO, SOUZA, 2018; OLIVEIRA, 2011).

Por fim, compreende-se a lua de mel como última fase do ciclo, também conhecida como fase da reconciliação, na qual o agressor mostra uma mudança de comportamento positiva, tornando-se afável e prestativo para com a vítima, que nutre expectativa de mudança e melhoria no relacionamento. Porém, com a presença da violência, o ciclo se reinicia, com aumento de intensidade (NASCIMENTO, SOUZA, 2018).

O ciclo da violência perdura sobre os relacionamentos abusivos, tornando-se uma das suas características mais marcantes. Porém, faz-se necessário destacar também os tipos de violência existentes, sendo importante para a desmistificação de que a violência perdura somente no âmbito físico, esta pode ser classificada em quatro: violência psicológica, física, sexual, patrimonial e moral (ECHEVERRIA, 2018).

Na violência psicológica, o agressor pode utilizar de diversas ações como impedir que a vítima visite amigos ou familiares, afastando-a do convívio destes,

fazendo vigilância, impossibilitando que exerça uma vida social, afetando a integridade psicológica ao passar longos períodos sem diálogo, ou após alguma discussão exigir uma relação sexual, assim como, diante de uma condição de saúde exigir que o parceiro cumpra os afazeres domésticos mesmo indisposto (NASCIMENTO, SOUZA, 2018).

A violência física inclui o uso da força sobre o parceiro, importando-se ou não com as possíveis marcas deixadas, fazendo uso de agressões diversas que podem ir de tapas e lavar a homicídios. A violência sexual se configura no comportamento que utiliza força ou ameaça, visa obrigar a vítima a manter relações sexuais seja com o parceiro ou com terceiros, assim como assistir contra a vontade a conteúdos pornográficos (NASCIMENTO, SOUZA, 2018).

Na violência patrimonial, o agressor impossibilita que a vítima tenha acesso ao seu patrimônio, mesmo os recursos recebidos mediante seu próprio trabalho, fazendo com que o agressor retenha seus bens, incluindo os que são essenciais a sua subsistência. A violência moral se configura como condutas do agressor que visem difamar a vítima. (NASCIMENTO, SOUZA, 2018).

4.2. ELUCIDANDO O PERFIL DA VÍTIMA E DO AGRESSOR E OS FATORES QUE CLARIFICAM A PERMANÊNCIA DAS VÍTIMAS NO RELACIONAMENTO ABUSIVO

Assim como a compreensão do que se definiria um relacionamento abusivo e dos fatores que estão envolvidos nestes, é importante entendermos o perfil de vítima da mesma forma que o do agressor, o que torna ainda mais claro a identificação de um relacionamento abusivo, dessa forma, propõem-se exatamente isto neste subtópico.

O abusador tem consciência de seus comportamentos, todavia ele não os vê como um problema, estes têm a necessidade de controle sobre o outro e acreditam que seus comportamentos correspondem a dinâmica normal de um relacionamento amoroso, a culpa não se faz presente. Quando o agressor utiliza-se do abuso, afim de lidar com alguma frustração, conseguem discernir o que faz, que é minar as forças e autonomia da parceira afim de fortalecer a si mesmo (MILLER, 1999).

Despido de culpa, o agressor transfere-a para a vítima através de seu jogo de manipulação, que resulta em comportamentos que visam agradar constantemente o parceiro (abusador). Em alguns períodos, o agressor faz que a vítima nutra

expectativas de melhoras, porém, no final tudo se resume somente a angustiantes esperanças (MILLER, 1999).

Caldeira (2012) realizou um estudo no qual buscou identificar junto as vítimas de relacionamento abusivo, o perfil dos agressores e em seus resultados verificou questões como não haver semelhanças ou um padrão para uso da violência em agressores em uma determinada idade, sendo passível de que utilizem esse recurso em qualquer período de suas vidas.

Os resultados do estudo indicam ainda que os agressores não possuem um padrão X, por assim dizer, pois podem apresentar qualquer idade, grau de escolaridade ou condição financeira, assim como morar em qualquer lugar, seja rural ou urbano (CALDEIRA, 2012).

Garcia e Silva (2018) realizaram uma pesquisa na qual buscavam identificar o perfil das vítimas de violência por parceiros íntimos, que receberam atendimento em serviços ligados ao Sistema Único de Saúde (SUS) em 2014, e os resultados apontam para o predomínio de vítimas do sexo feminino, negra, com baixa condição socioeconômica, encontrando-se na faixa adulto jovens, possuindo baixo grau de instrução escolar e em muitos casos, inexistência de emprego remunerado.

A dependência emocional também é uma característica encontrada em vítimas de relacionamentos abusivos. A Teoria de Bowlby, que diz respeito ao apego, revela-nos que a maneira como ocorreu o desenvolvimento dessa vítima, influencia em seu comportamento amoroso, sendo necessário considerar esse ambiente de desenvolvimento (NORWOOD, 2003).

A vítima torna-se doadora incondicional de amor e afetos, buscando suprir a falta desse outro, procurando sempre parceiros amorosos que lhe remetam as vivências da infância, embarcando em uma necessidade de transformá-lo aos moldes de uma pessoa amável para si. Subentende-se que há uma busca de reviver as situações traumáticas da infância afim de que nesse período obtenha-se controle sobre a situação, o que muitas vezes resulta em fracasso (NORWOOD, 2003).

4.2.1. FATORES QUE CLARIFICAM A PERMANENCIA DAS VÍTIMAS NO RELACIONAMENTO

A ideia difundida tradicionalmente na sociedade pontua que mulheres somente são completas quando estão em uma relação matrimonial, ou seja, a

completude se dá através de outro parceiro, o que pode justificar a permanência das vítimas em relacionamentos abusivos, bem como seu retorno após tentativas de rompimentos (PEREIRA, CAMARGO e AOYAMA, 2018).

Em um estudo realizado por Freitas e Sales (2019), consegue-se vislumbrar através dos relatos das vítimas entrevistadas, aspectos referentes aos próprios relacionamentos abusivos que dão-nos perpeções acerca de sua permanência nestes, dentre eles, destaca-se a religiosidade.

A associação do relacionamento abusivo no matrimônio com o viés religioso se dá pelo prisma de que a vítima introjeta o sentido de submissão apresentado religiosamente à violência em si, como uma espécie de prova na qual é necessário que se passe para obter a vitória, a salvação (FREITAS e SALES, 2019).

Porto e Bucher-Maluschke (2014) também realizaram um estudo esclarecedor quanto aos fatores que influenciam na permanência de mulheres em relacionamentos com dinâmica abusiva, entretanto, as entrevistadas foram psicólogas que já prestaram atendimento a algumas vítimas e puderam extrair os significados atribuídos por estas.

Dentre os fatores presentes na pesquisa, encontra-se uma distorção por parte das vítimas acerca do que é ser mulher que relaciona-se com uma necessidade constante de aceitação, na qual percebe-se que as próprias vítimas justificam a violência sofrida através de situações como atraso na finalização do almoço, percebendo o quão introjetada encontra-se a visão de submissão muitas vezes disseminadas por instituições religiosas (PORTO e BUCHER-MALUSCHKE, 2014).

A expectativa de mudança também é um fator presente, as vítimas acreditam que seus parceiros irão melhorar seus comportamentos, resumindo a violência em fases, amparam-se no sentimento de amor para com estes e vislumbram toda uma vida aos seus lados, fazendo dessa forma que se submetam as experiências de violência, que diferente do que acreditavam, não cessam com o tempo (FREITAS e SALES, 2019).

Quando a vítima tem filhos com o parceiro agressor, a motivação que as fazem permanecer nessas dinâmicas violentas torna-se essa, os filhos, é um processo constante de colocar-se em segundo plano em detrimento de várias questões, como os filhos, a família e até mesmo os próprios valores (PORTO e BUCHER-MALUSCHKE, 2014).

O medo também pode fundamentar o motivo de algumas vítimas continuarem

em relacionamentos como esses (FREITAS e SALES, 2019). É comum observar ameaças de morte do agressor para com a vítima, atando dessa forma suas defesas, pois estas acreditam e temem por suas vidas, visto que aquele que é capaz de agredi-las tão profundamente, pode também atentar gravemente contra sua vida.

4.3. CONSEQUÊNCIAS PARA VÍTIMAS DE RELACIONAMENTO ABUSIVO E A TERAPIA DE ESQUEMAS COMO MÉTODO DE INTERVENÇÃO

A violência doméstica pode ser compreendida como os tipos de violência que permeiam o contexto familiar, sendo a mais comum a violência contra a mulher, que de formas obscuras e múltiplas causas, vem tomando novas vias facilitadas de comportamentos violentos (GOMES, 2012).

Um levantamento do DataSenado juntamente com o Observatório da Mulher contra Violência, de 2019, trouxe dados de uma pesquisa de opinião pública sobre a percepção da violência sofrida por mulheres, sendo as participantes da mesma, também mulheres (BRASIL, 2019).

Os dados mostram que 60% conhecem outras mulheres que já foram vítimas de violência doméstica e familiar. Dessas, 89% conhecem pessoalmente a vítima e o tipo de violência sofrida por elas é em sua maioria física (82%) e psicológica (39%). Das entrevistadas, 27% foram vítimas de violência, sendo em 41% dos casos o atual companheiro e em 37% os ex-parceiros foram os agressores (BRASIL, 2019).

Na violência psicológica ocorre um aumento de intensidade e conseqüentemente danos, na qual a prática cotidiana leva ao sofrimento da vítima. Os sintomas psicológicos, normalmente originam-se de vivências traumáticas (GOMES, 2012). Dentre as muitas conseqüências psicoemocionais de vítimas de relacionamentos abusivos encontra-se isolamento social, baixa autoestima e depressão (CARVALHO, 2010).

Uma pesquisa realizada por Olga Costa (2018) com cinco mulheres vítimas de violência doméstica demonstrou que três das participantes apresentavam um quadro de depressão, sendo necessário um acompanhamento psicológico e psiquiátrico para intervenção medicamentosa.

Outro dado preocupante no que diz respeito as perturbações emocionais resultados de violência doméstica é o de que as vítimas que procuram às urgências e emergências dos hospitais possuem ideação suicida cinco vezes maiores em

comparação com as demais vítimas (RHODES et al., 2002).

Mulheres vítimas de violência doméstica podem apresentar transtorno de stress pós-traumático, bem como comportamentos compulsivos que visam minimizar a visão negativa de si mesmas e a ansiedade, autoestima baixa que pode desencadear outros sintomas e o desenvolvimento de agorafobia é muito comum em decorrência de uma tentativa constante de defender-se do agressor (GLEASON, 1993; CARVALHO, 2010).

4.3.1 A TERAPIA DE ESQUEMAS COMO MÉTODO DE INTERVENÇÃO PARA VÍTIMAS DE RELACIONAMENTOS ABUSIVOS

A Terapia de Esquemas foi proposta por Young e colaboradores em 1990 e buscava uma ampliação dos protocolos e conceitos das terapia cognitivos-comportamentais, trazendo uma reunião de várias teorias como cognitivo-comportamental e psicanalítica. Diferentemente da Terapia Cognitiva-Comportamental tradicional, a Terapia de Esquemas pode ser de breve a longa duração, e dá maior ênfase na análise nos princípios infantis das disfunções psicológicas (YOUNG; KLOSKO e WEISHAAR, 2008).

Young cria a Terapia de Esquemas em uma resposta ao que ele considera ser as limitações da Terapia Cognitiva no modelo tradicional no que se refere ao tratamento de transtornos mais rígidos e sólidos e aos transtornos de personalidade, que impossibilitariam que no decorrer da terapia de breve duração não pudessem responder as premissas básicas, tais como a identificação de problemas, a colaboração com o terapeuta e a motivação nas realizações das tarefas diárias (CAZASSA, OLIVEIRA, 2008).

Um esquema pode ser compreendido dentre outras formas como a uma série de crenças formadas e que estão interligadas, que mediante a confrontação ou não de eventos estressantes podem ser ativadas ou desativadas. Dessa forma, entende-se que cada experiência do indivíduo possui um significado que se junta a outras experiências e seus consequentes significados, resultando em uma rede que orienta o indivíduo em sua trajetória (BECK, 1976).

Quando um esquema é mal adaptativo de forma precoce compreende-se que estabeleceu-se um parâmetro amplo e redundante, constituído mediante as experiências da infância e significações destas perpetradas em sua vida, todavia,

esse padrão tende a ser disfuncional. Alguns esquemas desadaptativos não se formam somente através de algumas experiências traumáticas tomadas de forma isoladas e sim de uma série de padrões contínuos de relações tóxicas com os familiares e pessoas próximas. Ressalta-se entretanto, que independente dos esquemas desadaptativos resultarem de traumas na infância ou não, todos são considerados prejudiciais de igual forma (YOUNG, KLOSKO e WEISHAAR, 2008).

Young (1990) postula ainda sobre a relação das interações primárias com os cuidadores com a constituição da personalidade, tendo dessa forma o estabelecimento de relações amorosas que possuem dinâmica de relacionamento conforme aprendido na infância com as relações primárias. O autor acredita na existência de estruturas cognitivas interpretativas rígidas, disfuncionais e abrangentes, que são conhecidas como Esquemas Iniciais Desadaptativos (EIDS), que se estabelecem no período da infância e acompanham o indivíduo por toda a vida e por todas as relações, podendo originar danos disfuncionais.

Os esquemas iniciais desadaptativos desenvolvem-se em períodos críticos no decorrer da infância e/ou adolescência, sendo denominados tais períodos como domínios esquemáticos, que constituem-se como espaços de tempo que iniciam-se na infância e compreendem o início da adolescência, onde algumas necessidades básicas sejam atendidas pelo seu núcleo primário afim de desenvolver esquemas mentais básicos, ou seja, constituir-se esquemas iniciais tidos como saudáveis (YOUNG, 2003; WAINER et. al., 2016).

Algumas necessidades emocionais são universais aos seres humanos e classificam-se em cinco: vínculos de segurança estabelecidos com outras pessoas, a autonomia aliada a um estabelecimento de identidade própria, liberdade para expressar-se, espontaneidade e oportunidades de recreação, limites realísticos; dessa forma, considera-se uma pessoa saudável aquela cujas necessidades emocionais foram supridas (YOUNG, KLOSKO e WEISHAAR, 2008).

A Terapia de Esquemas postula que as vivências traumáticas instauram crenças disfuncionais que influem em todas as relações a constituir-se do indivíduo. Dessa forma, assume-se a família como instituição de importância na perpetuação da violência conjugal, seja através da normatização dessa dinâmica de relacionamento, seja pelas vivências e aprendizados das relações primárias. Resultados de pesquisas evidenciam que experiências abusivas em crianças praticado por cuidadores demonstram e reforçam o pensamento de que a violência

para com as pessoas que amamos é um comportamento normal (YOUNG, KLOSKO e WEISHAAR, 2008; PAIM e FALCKE, 2016)

Essa crença estabelecida, de que a violência para com as pessoas que amamos faz parte das dinâmicas de relacionamentos, eleva as chances de que um padrão de comportamento violento se estabeleça na vida adulta, de igual forma para a posição de agressor como para o papel de vítima (PAIM e FALCKE, 2016).

Muitas são as regras difundidas acerca dos relacionamentos ao longo dos tempos e todos os casais já ouviram e vivenciaram estas, dentre elas o pertencer ao outro para o resto da vida ou serem felizes para todo o sempre. Ao introjetar essas regras, torna-se difícil distinguir um relacionamento abusivo pois os atos abusivos podem ser considerados formas de amor e zelo, considerando também as necessidades emocionais desses indivíduos que não foram supridas e dos esquemas desenvolvidos (PAIM, CARDOSO e BERTHO, 2019).

Unindo tais regras de relacionamento que são difundidas socialmente com as regras estereotipadas quanto as formas de relacionar-se de cada gênero, homens superiores as mulheres, a agressividade seria uma expressão da sua força. Já as mulheres, cabe-lhe a submissão, a passividade e satisfação do parceiro. Essas regras são próximas as experiências infantis e culturais de cada parceiro, tornando-se a estrutura esquemática de cada, que pela sua característica inflexível, tornam-se difíceis de serem alteradas (PAIM, CARDOSO e BERTHO, 2019).

O objetivo geral da Terapia de Esquemas é auxiliar os clientes a encontrar maneiras adaptativas de satisfazer suas necessidades emocionais não supridas, tendo em vista que tais necessidades são inerentes aos seres humanos e sua não satisfação no período certo, a infância, consitui um desenvolvimento não saudável (YOUNG, KLOSKO e WEISHAAR, 2008).

No atendimento a casais ou as vítimas de violência doméstica, cabe ao psicólogo atentar-se a violência, sendo necessário cuidadosa análise, pois em casos onde haja risco à integridade física, o psicólogo deve fazer uma comunicação externa, que se configuraria em uma quebra de sigilo respaldada pelo artigo 10º do Código de Ética, onde o profissional baserá a sua decisão visando menor prejuízo (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2005).

Na Terapia de Esquemas, o psicólogo deve apropriar-se de uma conduta de confrontação mais empática, demonstrar compreensão para com os comportamentos, todavia, confronta-los com foco a mudança, e ater-se aos

objetivos, que é auxiliar a vítima a suprir as suas necessidades emocionais, dentro do limite e ética terapêuticas (YOUNG, KLOSKO e WEISHAAR, 2008).

É importante que a terapia volte-se também lutar contra as vozes parentais internalizadas, ou seja, as crenças que são internalizadas, para que vítimas que tenham vivenciado em espaços familiares violentas, haja uma modificação das cognições através de técnicas cognitivas (YOUNG, KLOSKO e WEISHAAR, 2008; PAIM, CARDOSO e BERTHO, 2019).

Para eliminar essas vozes parentais é necessário primeiramente identificá-las, ou seja, identificar quais relações tóxicas ou abusivas ela vivenciou, conecta-lá a essas a dores vivenciadas seja na adolescência ou na infância e posteriormente utilizar técnicas para eliminar essas vozes, o que pode ser feito com técnicas imaginativas, na qual diz-se ou escreve-se para as figuras punitivas da infância o quão prejudicial foram os abusos e o quanto lhes fez sofrer, essas técnicas possuem o objetivo de compensar as necessidades de proteção tendo o terapeuta como um protetor dos da criança frente aos abusos (PAIM, CARDOSO e BERTHO, 2019; YOUNG, KLOSKO e WEISHAAR, 2008).

O Treino de Habilidades Sociais também é importante para as vítimas de relacionamentos abusivos. Zapor et al., (2015) apontam para a instrução de mulheres em automonitoria, que se refere a observação e no controle de atitudes de expressão em ambientes sociais, para identificação de perigo ou ameaças físicas, sendo possível a identificação de falsas promessas por parte do agressor e auxiliariam no controle emocional no que diz respeito as ameaças e medo de novas agressões (DIAS et al., 2019).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Perante este estudo, foi possível compreender que, existe um ciclo característico nas dinâmicas de relacionamento abusivo que compreende: aumento da tensão, violência, arrependimento e a lua de mel, após reinicia se tudo novamente dirimindo as esperanças da vítima.

Notou-se também os tipos de violências sofridas pelas vítimas: patrimonial, física, sexual, moral e psicológica. Busca-se desmistificar a ideia de que o relacionamento somente é abusivo se ocorrer agressão física, para que principalmente as vítimas empoderem-se na busca do rompimento.

A partir dos trabalhos pesquisados, percebeu-se que não há um padrão característico de agressor, ou seja, quebra-se a ideia de que somente na baixa classe socioeconômica encontra-se esse tipo de agressão. É importante destacar que o agressor tem total consciência de seu comportamento mas não o considera um problema, logo não sente culpa, transfere-a através de manipulação para a vítima, que carrega consigo os fardos do relacionamento.

O perfil encontrado de vítimas que procuraram apoio no SUS em 2014, apontam a predominância de mulheres do sexo feminino, com baixa escolaridade e condição socioeconômica e negras. Isto leva a dois pontos a seres questionados e ponderados para futuros trabalhos: as vítimas que não se enquadram nesse perfil podem estar sofrendo em silêncio por medo da exposição, constrangimento ou da retaliação por parte dos parceiros? Ou somente o perfil citado sofre com a violência doméstica e o Estado precisa fortalecer as redes de apoio e instruções a esse público?

Destaca-se também a dificuldade da quebra de padrão pela normalização e principalmente pela influência religiosa da submissão que faz com que muitas vítimas introjetem o pensamento de que a violência sofrida é um “mal necessário” para que se obtenha a vitória, ou seja, a salvação, sendo preciso desmistificar esse assunto nos contextos religiosos.

É importante combatermos a ideia culturalmente difundida de que só há uma completude se o indivíduo estiver em um relacionamento matrimonial, o que faz com que muitas vítimas submetam-se a situações de violência somente para sentido de completude, bem como podem explicar os constantes retornos ao relacionamento.

A Terapia de Esquemas surge como uma proposta de intervenção completa,

pois não somente traz a compreensão acerca de como se formam os Esquemas Iniciais Desadaptativos que explicam o comportamento do agressor, mas também da vítima, além de reforçar a importância das relações primárias com os cuidadores para a constituição de uma personalidade saudável.

Por fim, reitera-se a importância de expandir os estudos acerca da Terapia de Esquemas para vítimas de violência doméstica, pois sua constituição terapêutica apresenta em suas técnicas a procura por satisfação das necessidades emocionais não supridas no período certo que refletem em suas crenças, bem como, extinção das vozes parentais introjetadas que prejudicam as relações dos indivíduos, o que se configura em exitosas e funcionais intervenções.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, K. G. N. et al. Epidemiological and spatial characteristics of interpersonal physical violence in a Brazilian city: a comparative study of violent injury hotspots in familial versus non-familial settings, 2012-2014. **PLOS One**. v. 14, n. 1, p. 1-19. jan. 2019. Disponível: <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0208304> . Acesso: 10 jun. 2020.
- BRASIL. SENADO FEDERAL. Relatório de violência doméstica contra a mulher. **Violência doméstica e familiar contra a mulher**. Brasília: Senado Federal. Secretaria de Transparência. Instituto DataSenado. 2019. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/institucional/datasenado/arquivos/aumenta-numero-de-mulheres-que-declaram-ter-sofrido-violencia>. Acesso: 26 abr. 2020.
- BECK, A. T. **Cognitive therapy and the emotional disorders**. New York: International Universities Press, 1976.
- CALDEIRA, C.T.M. **Perfil psicopatológico de agressores conjugais e fatores de risco**. 2012. 113 p. Dissertação (Mestrado na Especialidade Psicologia Clínica e da Saúde) – Universidade da Beira Interior, Covilhã.
- CARVALHO, N.M.C. **Perfil psicológico das mulheres vítimas de violência doméstica e suas repercussões**. 2010. 60 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia Forense e da Transgressão) - Cooperativa De Ensino Superior Politécnico E Universitário, Portugal.
- CAZASSA, M.J.; OLIVEIRA, M. S. Terapia focada em esquemas: conceituação e pesquisas. **Revista Psiquiatria Clínica**. 2008. Disponível: <https://doi.org/10.1590/S0101-60832008000500003>. Acesso: 27 jun. 2020.
- CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Código de Ética Profissional dos Psicólogos**, 2005.
- DIAS, T. P., CASALI, I. G., DEL PRETTE, A. & DEL PRETTE, Z. A. P. (2019). Autonitoria na competência social: Análise das classes e indicadores comportamentais. **Acta Comportamental**, vol. 27(3)3, 2019. Disponível: <http://www.revistas.unam.mx/index.php/acom/article/view/70627/62427>. Acesso: 23 ago. 2020.
- ECHEVERRIA, G.B. A violência psicológica contra a mulher: reconhecimento e visibilidade. **Caderno de Gênero e Diversidade**. Vol 04, N. 01 - Jan. - Mar., 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.9771/cgd.v4i1.25651>. Acesso em: 24 jun. 2020.
- FREITAS, M.F.C.; SALES, M.M. Maria, Marias: narrativas de mulheres sobre relacionamentos abusivos. **Pretextos - Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas**. v. 4, n. 7, jan./jun. 2019. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/pretextos/article/view/20769>. Acesso: 04 jun. 2020.

GARCIA, L.P.; SILVA, G.D.M. Violência por parceiro íntimo: perfil dos atendimentos em serviços de urgência e emergência nas capitais dos estados brasileiros. 2014. **Cadernos de Saúde Pública** 2018. Disponível: <https://doi.org/10.1590/0102-311x00062317>. Acesso: 08 jun. 2020.

GLEASON, W.J. **Mental disorders in battered women: Na emoirical study.** *Violence and Victims*, 8, 53-68, 1993.

GOMES, R.M. Mulheres vítimas de violência doméstica e transtorno de estresse pós-traumático: um enfoque cognitivo comportamental. **Revista de Psicologia da IMED**, vol.4, n.2, p. 672-680, 2012. Disponível: <https://doi.org/10.18256/2175-5027/psico-imed.v4n2p672-680>. Acesso: 26 Abr. 2020.

KAIM, P.; CARDOSO, B.L.A. (orgs.). **Terapia do esquema para casais: base teórica e intervenção.** Porto Alegre : Artmed, 2019.

LUCENA, K.D.T. et al. Análise do ciclo da violência doméstica contra a mulher .**Journal of Human Growth and Development**, 26(2), 139-146. Disponível: <http://dx.doi.org/10.7322/jhgd.119238>. Acesso: 08 abr. 2020.

NASCIMENTO, E.C.; SOUZA, K.V.S. **Relações abusivas: um olhar cognitivo-comportamental.** Colegiado de Psicologia, Itabuna, 2018. Disponível: <https://repositorio.pgsskroton.com//handle/123456789/21296>. Acesso: 08 abr. 2020.

NORWOOD, R. **Mulheres que amam demais.** 15.ed. São Paulo: Editora Arx, 2003.

OLGA COSTA, A.M.F. Violência doméstica contra mulheres: Impacto psicológico e alternativas de recuperação. **Rev. Urcamp.** 2018. Disponível: <http://revista.urcamp.tche.br/index.php/rcmtcc/article/view/3033/2142>. Acesso: 17 ago. 2020.

OLIVEIRA, A.M. BERGAMINI, G.B. Esquemas desadaptativos de mulheres em relacionamentos abusivos: uma discussão teórica. **Revista Científica da Faculdade de Educação e Meio Ambiente – FAEMA.** Disponível: <http://dx.doi.org/10.31072>. Acesso: 08 abr. 2020.

OLIVEIRA, J. A. **Violência no Namoro: Adaptação de um programa de prevenção em jovens universitárias.** 2011. 72 p. Dissertação (Mestrado na Especialidade Psicologia Clínica e da Saúde) – Universidade da Beira Interior, Covilhã.

PAIM, K., FALCKE, D. Perfil discriminante de sujeitos com histórico de violência conjugal: o papel dos esquemas iniciais desadaptativos. **Revista Brasileira de Terapia Comportamental Cognitiva**, 2016, Volume XVIII no 2, 112 -129. Disponível: <https://doi.org/10.31505/rbtcc.v18i2.887>. Acesso: 08. abr. 2020.

PEREIRA, D.C.S.; CAMARGO, V.S.; AOYAMA, P.C.N. Análise funcional da permanência das mulheres nos relacionamentos abusivos: um estudo prático. **Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva**, 2018, Volume XX no 2, 9-25. Disponível: <https://doi.org/10.31505/rbtcc.v20i2.1026>. Acesso: 04 Jun. 2020.

PINTO, M.G. **Permanecer, abandonar ou retomar à relação abusiva: percepção de mulheres vítimas de violência conjugal.** 2018. 116 p. Dissertação (Mestrado em

Criminologia) – Faculdade de Direito da Universidade do Porto, Porto.

PIZZANI, L., Silva, et al. A arte da pesquisa bibliográfica na busca do conhecimento. **RDBCI: Revista Digital De Biblioteconomia E Ciência Da Informação**, 2012. <https://doi.org/10.20396/rdbci.v10i1.1896>. Acesso: 24 Jun. 2020.

PORTO, M.; BUCHER-MALUSCHKE, J.S.N.F. A permanência em situações de violência. **Rev. Psicologia: Teoria e Pesquisa**. Jul-Set 2014, Vol. 30 n. 3, pp. 267-276. Disponível: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-37722014000300004>. Acesso: 05 jun. 2020.

RHODES, K. V., Lauderdale, D. S. & Howes, D. S. (2002). “Between me and the computer”: Increased detection of intimate partner violence using a computer questionnaire. **Annals of Emergency Medicine**, 40, 476-484. Disponível: https://repository.upenn.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1104&context=spp_papers. Acesso: 17 ago. 2020.

ROTHER, Edna Terezinha. Revisão sistemática x revisão narrativa. **Acta paul. enferm.**, São Paulo , v. 20, n. 2, p. v-vi, June 2007. Disponível: <https://doi.org/10.1590/S0103-21002007000200001>. Acesso: 24 maio 2020.

SOUZA, D.C. **Relacionamentos Abusivos**: significados atribuídos por um grupo de jovens acadêmicos da UFAM. 2018. 86 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia: Processos Psicossociais) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus.

WAINER, R.; et. al. **Terapia Cognitiva focada em esquemas: integração em psicoterapia**. Porto Alegre : Artmed, 2016.

YOUNG J.E., KLOSKO JS, WEISHAAR ME. **Terapia do Esquema**: guia de técnicas cognitivo-comportamentais inovadoras. Porto Alegre: Artmed, 2008.

YOUNG, J.E. **Terapia Cognitiva para transtornos da personalidade**: uma abordagem focada no esquema. 3. ed. Porto Alegre: Artmed. 2003. 88 p.

ZAPOR, H., WOLFORD-CLEVENGER, C., & JOHNSON, D. M. (2015). The association between social support and stages of change in survivors of intimate partner violence. **Journal of Interpersonal Violence**. 1-2

ANEXOS



RELATÓRIO DE VERIFICAÇÃO DE PLÁGIO

DISCENTE: Laís Regina de Souza Neves

CURSO: Psicologia

DATA DE ANÁLISE: 27.08.2020

RESULTADO DA ANÁLISE

Estatísticas

Suspeitas na Internet: **0%**

Percentual do texto com expressões localizadas na internet 

Suspeitas confirmadas: **0%**

Confirmada existência dos trechos suspeitos nos endereços encontrados 

Texto analisado: **94,92%**

Percentual do texto efetivamente analisado (frases curtas, caracteres especiais, texto quebrado não são analisados).

Sucesso da análise: **100%**

Percentual das pesquisas com sucesso, indica a qualidade da análise, quanto maior, melhor.

Analisado por Plagius - Detector de Plágio 2.4.11
quarta-feira, 27 de agosto de 2020 14:50

PARECER FINAL

Declaro para devidos fins, que o trabalho da discente **LAÍS REGINA DE SOUZA NEVES**, n. de matrícula **23434**, do curso de Psicologia, foi **APROVADO** na verificação de plágio, com porcentagem conferida em 0% (zero). Devendo a aluna fazer as correções que se fizerem necessárias.

(assinado eletronicamente)
HERTA MARIA DE AÇUCENA DO N. SOEIRO
Bibliotecária CRB 1114/11
Biblioteca Júlio Bordignon
Faculdade de Educação e Meio Ambiente

Assinado digitalmente por: Herta Maria de A?ucena
do Nascimento Soeiro
Razão: Faculdade de Educação e Meio Ambiente
Localização: Ariquemes RO
O tempo: 02-09-2020 09:32:59